

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numero 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; aviso 60 rs.

— ANNO II — 23 DE JULHO DE 1882 — N.º 22 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$000 réis; semestre ou 26 numero 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; aviso 200 rs

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—Colheita de plantas maritimas. A ramalheira de Trieste. Franz Liszt. O castello de Miramar. No jardim d'un antigo carrasco (grav. do romance).

TEATRO:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras.

Um homem, por Cypriano Jardim. Historia da terra. Rosicler, por Gomes Leal. Um passado tenebroso.

## ACTUALIDADES

Entfim! Foi votado o syndicato! Uf! Ainda bem! Que a opposição não vá agora appellidar-me de salamanqueiro. Aquelle —Uf! — aquelle —Ainda bem! — não indicam a minha alegria por ter sido approvada a construcção do caminho de ferro de Salamanca. Não. Demonstam apenas a minha satisfação por ter acabado uma discussão que promettia ser eterna, e que já estava sendo profundamente massadora.

Esta minha alegria, porem, não é isenta de nu-

vens. O syndicato ainda nos não deixou de todo: havemos de tornar a vê-lo em janeiro, nas revistas do anno, mettido na pelle do Mathias d'Almeida ou do Marcelino Franco, fazendo phrases, sapateando fandangos, cantando couplets, enquanto qualquer Portugal velho, de respeitaveis cans e voz cavernosa, o accusará de todos os males e achaques que padece.

E de mais! Se tal acontecer, emigro.

Votado o syndicato, a opposição, para não perder tudo, fez as malas e foi-se para as frescas praias. Quero porém acreditar que até dentro d'agua se falará ainda na salamanca.

— Está hoje bem boa, dirá o sr. Marianno, tomando um mergulho.

— É verdade, affirmará um deputado da maioria, — o que se chama um rico banho. Vá lá mais um mergulho, ó Marianno.

— Mergulhados ficámos nós na questão de Salamanca!

— Você sabe nadar, ó Marianno?

— Tambem licámos a nadar... Que é isso, ó amigo, você a modo que está atrapalhado!

— Engoli agua; nunca imaginei que a agua do mar fosse tão salgada...



COLHEITA DE PLANTAS MARITIMAS

— Mais *salgada* é a salamancada que vocês fizeram!

E viscosas alforrecas, muito intrigadas, perguntarão umas ás outras que diabo de palavra será aquella — salamancada —!

E então? Não ia eu escrevendo mais uma chronica a proposito...

Fujamos depressa!

— A companhia italiana de opera comica continua fazendo as delicias dos frequentadores dos Recreios. As ovações feitas á sr.<sup>a</sup> Rosselli, o astro da *troupe*, — astro feminino, o masculino é o sr. Poggi — transpõem todas as noites, o que, segundo a phrase do noticiario indigena, costuma chamar-se — as raais do delirio.

A Sarah Bernhardt, quando saiu de Lisboa, foi talvez imaginando com uma grande ingenuidade, aliás justificada, que as ovações que o publico lhe fez, nunca tinham tido antecedentes, nem teriam consequentes.

Pobre Sarah! Deixemol-a viver n'essa consoladora illusão.

Teria realmente graça, se um dia, Dona Sol se encontrasse com a Moriones, e com a Rosselli, e comesçassem as tres a fallar de coisas do theatro, das terras percorridas, dos applausos dos diferentes publicos.

— Ah! diria Margarida Gauthier, ovações, ovações como as que me fez o bom publico de Lisboa. Amavel publico, muito gentil. Apenas eu entrei em scena, fui acolhida por uma prolongada salva de palmas...

— Sim? — dir-lhe-hia a Moriones — tambem eu...

— E eu tambem, acrescentaria a Rosselli.

— Depois, no final de todos os actos, um verdadeiro triumpho! Palmas, bravos, chamadas; mais palmas, mais bravos, mais chamadas; e ainda mais palmas, e ainda mais bravos, e ainda mais chamadas... Um delirio!

— Tal e qual, como nós diriam as duas em côro.

— Os jornaes, no dia seguinte ao das representações, consagravam-me largos artigos, onde me chamavam distincta, celebre, notavel, eximia...

— Tal e qual como a nós, responderiam a hespanhola e a italiana.

— E no dia da despedida! Que entusiasmo o do publico! Os homens de pé, cabeça descoberta, testas inundadas de suor, gargantas roucas, commovidos, electricados não se cansavam de me applaudir; eram temporaes de applausos, trovoadas de bravos, rebentando por entre uma chuva de flores...

— Tal e qual como nós, diriam as duas.

— Finda a representação, mais de duzentas pessoas seguiram a minha carruagem até ao hotel...

— Tal e qual como a nós...

— Chegada ao hotel, o publico, em altos brados, começou a chamar-me. Apareci a janella, — que ovação, — Deus de bondade!

— Tal e qual como nós...

— Ao metter me no carro, que devia levar-me á estação, vi, admirada, que o publico, o bom publico ainda não estava cansado de applaudir-me... Fui saudada com vivas como se fosse uma rainha...

— Tal e qual como nós...

— Seguiram a carruagem... Entraram na gare. Quando, finalmente, o comboyo partio, — victoriaram-me, eu sei, como se eu fosse uma densa descida á terra...

— Tal e qual como nós...

— Mas quem são? diria a Sarah, farta d'aquelle estribilho humilhante. Se é verdade o que dizem,

se o publico de Lisboa as recebeu do mesmo modo porque eu fui recebida, uma das que me falla não pode ser senão a Nilson; a outra, a outra deve por força chamar-se a Patti...

— Não! Que ideia! Eu não sou a Nilson; sou a Moriones!

— Não me chamo Patti, sou a Rosselli!

— Moriones? Rosselli? Não conheço. E a sua voz seria desenhosa como a do marquez de la Seglière declarando ignorar quem fosse — o senhor de Buonaparte.

— O senhor de Buonaparte? — não conheço. Moriones? Rosselli? não conheço.

Mas, não se queira mal ao no-so publico por elle applaudir com o mesmo entusiasmo a *Seguidilha do Processo do Cancan*, a *Lange*, da sr.<sup>a</sup> *Angot*, e a *Margarida da Dama das Camelias*.

O nosso publico, quando sympathisa com uma artista, não sabe applaudir a proporcionalmente ao seu merito. Applauda-a sempre a... 100 grãos, a temperatura a que ferve a agua e... o entusiasmo.

— Voltando á Rosselli. Esta gentil artista caio de tal maneira nas boas graças do publico, que este, com receio de que ella considerasse como uma infidelidade, quaesquer applausos consagrados a outras artistas, deixou passar completamente despercebidas as pobres francezas da esplanada.

Que triumpho para a Italia, e que humilhação para a França!

Mas a Rosselli ainda fez mais. O publico de Lisboa estava desesperado com o sr. Freitas Brito; tratava-o como se elle, em vez de empresario de um theatro, fosse ministro da corôa. A sr.<sup>a</sup> Rosselli, com as suas arias e romansas conseguiu nem mais nem menos, congragar os dois — publico e empresario.

Se se lhe mettesse em cabeça era capaz de, com meia duzia de couplets, obrigar o sr. Marianno a cahir no regaço do sr. Fontes. O que seria de todo o ponto edificante e assaz sensibilizador.

— A chronica devia talvez registar a chegada do calor. Mas, os assignantes do *Jornal do Domingo*, para saberem que elle chegou, não precisam de certo que eu o participe.

O que porem vou, não participar, mas explicar é a que se deve o estarmos a uma temperatura perfeitamente tropical. Muito simples — Basta que pensemos que, ao calor proprio da estação, temos este anno a juntar... o calor das paixões politicas.

URBANO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### Colheita de plantas marinhas

Nas costas da França, banhadas pelo Oceano, existe uma alga marinha da familia das *fucaeas*, a que os naturaes dão o nome de *varech*. Esta planta, que talvez possamos denominar *bodella* ou *sargaço*, habita quasi exclusivamente as aguas salgadas; tem uma consistencia herbacea, linhosa, cartilaginosa, membranosa ou cornea; umas vezes consta apenas de filamentos simples ou articulados, outras vezes apresenta expansões membranosas de formas e côres muito variadas, que se apertam em haístes na parte inferior, e que podem ser comparadas ás folhas dos vegetaes terrestres.

O *varech* além de servir para adubar as terras, é um artigo importante do commercio para fazer colchões, que têm, pelo menos, a grande qualidade de serem hygienicos.

Mas esta planta marinha é sobretudo preciosissima porque serve para o fabrico da soda, e produz quantidades consideraveis da substancia conhecida em chimica pela denominação de iode, hoje tão largamente empregada nas industrias e na medicina.

A colheita do *varech* inspira o maior interesse aos habitantes das costas, em que vive a planta.

Um artista inglez, M. Duncon, visitando aquellas regiões, impressionou-se tanto com o espectaculo da colheita, que o trasladou para o formoso quadro que hoje publicamos.

### A ramilheiteira de Trieste

Em quasi todas as cidades dos paizes meridionaes, sobretudo na Italia, a ramilheiteira é um dos typos, que mais attrae a attenção do viajante, porque a profissão é exercida por mulheres bonitas, engraçadas, trajando vestidos pittorescos, em harmonia com o objecto do seu commercio. E depois... sabem-na toda; conhecem perfeitamente o que pôde agradar aos elegantes; fallam com tamanha ternura, tem uns modos, uns sorrisos, uns olhares, que não ha meio de as ver, sem comprar um raminho fresco e perfumado.

Segundo a opinião dos mais entendidos no assumpto, a palma da elegancia e da *intrujice* para saber vender, pertence inquestionavelmente ás ramilheiteiras de Trieste. Ao caracter da raça italiana juntam as qualidades da raça slava, e d'esta feliçissima combinação resultam os typos encantadores, como o que a nossa gravura representa.

Ora dize, leitor: Não te appetee mais receber um *principe negro* ou um *marechal Niel* das mãos de uma rapariga engraçada, bem vestida, como a formosa filha da grande cidade do Adriatico, do que das mãos dos machacazes, que te offerecem rozas na tabacaria Neves ou na Casa Havaneza?

Eu por mim, digo francamente: das mãos d'ellas até uma bofetada. E a elles, ainda que os veja deante de um cesto de flores, tenho sempre vontade de os mandar pezar um kilo de batatas.

### Franz Liszt

E o nome de um dos vultos mais importantes da moderna arte musical.

Franz Liszt veio ao mundo na aldeia de Roding, na Hungria, e desde a mais tenra idade causava pasmo o talento prodigioso que manifestava para a musica. Basta dizer-se que aos nove annos executou em publico uma phantasia improvisada! A sua mão delicada, que mal podia apanhar uma oitava, já sabia arrancar ás teclas, com instincto, a expressão profunda e o sentimento, que só a alma pôde revelar. Essa brilhante qualidade foi subindo de ponto, e a fama dos triumphos e reputação do joven Franz cada vez se dilatava mais por toda a parte.

Em 1823, tendo quatorze annos de idade, escreveu uma opera, *Don Sancho*, que as plateas receberam com indulgencia. Eclipsou-se durante alguns annos; porem, longe de empregar inutilmente esse periodo de silencio, consagrou-o ao aperfeiçoamento do seu mechanismo, a tornar-se por tal forma senhor do instrumento, que nenhuma difficuldade se lhe apresentava como insuperavel. A sua vida foi uma serie interrompida de viagens e de acclamações ruidosas, de applausos entusiasticos e de receitas, como só hoje ganham a Patti e Sarah Bernhardt.

Franz Liszt viajava *en grand seigneur*, preocupando-se mediocrementemente com o futuro, espalhando ás mãos cheias dinheiro por onde passava, porque n'elle o coração corria parellhas com o talento. A desgraça nunca bateu á sua porta inutilmente.

De uma organização privilegiada, cheio de fogo e de ardor, Liszt abriu uma nova era á composição e execução musical. O piano, que servia só para acompanhamentos, passou a ser um instrumento de concerto: o estudo serio, reflectido, assiduo do mechanismo, e recursos do instrumento, que escolhera, revelou ao mestre effeitos até então desconhecidos. Antes d'elle, a maneira fria de ferir as teclas deixava, permitta-se-nos a phrase, escapar os sons, e o piano articulava seccamente e de fugida os cantos, que se lhe pediam; debaixo da mão nervosa de Liszt principião a cantar e a gemer as melodias mais largas, mais sustentadas, como dizem os musicos. É uma das maravilhas do seu talento.

Como executante Liszt é o mais habil, mais original e extraordinario dos pianistas. Como compositor, a sua superioridade é realmente incontestavel; em todas as suas obras domina o sentimento da grandeza; algumas são d'um ideal adoravel. Como improvisador, ainda não appareceu outro mais fecundo.

Liszt senta-se ao piano, toca primeiro algumas notas, pára um bocado, executa uns accordes que despertam a attenção do publico, e repentinamente irrompe, improvisa a inspiração, e o artista n'um estylo surprehendente de colorido, traduz os caprichosos sentimentos da sua alma de eleição. Como critico, escreveu numerosos artigos sobre arte e litteratura em varios jornaes francezes e allemães.

Vive durante o estio em Weimar n'uma casa deliciosa, que lhe foi dada pelo grão-duque, verdadeiro Mecenas da arte e da litteratura,

No inverno reside ora em Pesti, de cujo conservatorio é o genio tutelar, ora proximo de Roma na villa d'Este, que pela formosura dos jardins, das grutas, cascatas, chalets, e retiros silenciosos, é a mais deliciosa vivenda, que se pode phantasiar.

Do seu consorcio com uma dama da mais alta aristocracia, Liszt teve duas filhas: uma casou com Emilio Olivier, antigo ministro de Napoleão; a outra com o maestro Ricardo Wagner. Depois da morte da mulher, Liszt manifestou o desejo de tomar ordens, que lhe foram conferidas na capella do Vaticano pelo cardinal Hohenloee, seu particular amigo.

Pelo que respeita ao physico, o abbaile Liszt com a sua fronte espaçosa, os seus cabellos brancos e compridos fluctuando caprichosamente, os seus olhos vivos, brilhantes, rasgados em amendoa, carregados de grossas sobrancelhas, tem uma physionomia que attrae, e que bem pode chamar-se um pouco dantesca; o corpo muito franzino, affectado de um tique nervoso, está continuamente em movimento. A voz, apesar de cavernosa, fere agradavelmente o ouvido.

Liszt vae receber em breve a maior prova de admiração, que se pode ambicionar. A pequena cidade de Oelemburgo, na Hungria, prepara-se para erigir uma estatua ao grande virtuose, devendo a inauguração realisar-se no outono proximo, no dia em que elle fizer setenta e um annos de idade.

#### o castello de Miramar

A quatro kilometros de Trieste, orgulhosamente dependurado sobre rochedos batidos pelas aguas, ergue-se com as suas torres e ameias, o castello de Miramar, de uma construcção a um tempo marcial e graciosa.

No regresso de uma de suas longas viagens, o desventurado principe Maximiliano d'Austria, ameaçado de naufragar perto da costa e captivado pela belleza estranha e pittoresca do logar, concebeu em 1861 a ideia de construir sobre aquellas rochas ari-

das uma das habitações mais romanticas do continente.

Das janellas do palacio avistam-se as verduras frescas dos jardins, os Alpes, que limitam o horisonte, e a extensão immensa do Adriatico.

O archi-duque Maximiliano era almirante da armada austriaca, tinha verdadeira vocação para a marinha, e isso explica o desejo de erigir o castello de Miramar n'aquella costa abrupta e tempestuosa. Os seus quartos eram dispostos como o camarote de um almirante; as salas eram forradas de azul celeste, com desenhos representando ancoras.

Na sumptuosa residencia, litteralmente cheia de raridades cosmopolitas, foi tudo disposto de modo que tornasse a vida agradável com um luxo intelligente e delicado.

A palavra *Miramar* é hespanhola.

Mal pensava de certo Maximiliano, quando assim baptizou a encantadora vivenda, que um paiz de origem tambem hespanhola viria áquelle mesmo castello offerecer-lhe uma coroa imperial, e que elle — desgraçado principe! — trocaria os socegados ocios de Miramar pelas angustias supremas de Queretaro.

## O DOMINGO DOS BEBÉS

SERÕES MONESTOS

(Contos)

UM HOMEM

(Continuando do n.º 21)

Uma noite, já passava das 11 horas, e não se tinha ganho um real.

Como era verão, a irmãsita do João não tinha frio, e adormecêra sentada no passeio da rua, contra a cantaria do gradamento, ao pé da filha da mulher.

Ella, espreitando a um e outro lado, lá ia fazendo a sua choradeira; mas os homens que passavam não faziam caso: não davam nada.

O João, n'essa noite, tambem não fazia lá grandes diligencias... Com medo que alguém pizasse a irmã, punha-se deante d'ella, a guardal-a, e não pedia como costumava...

A mulher, então, enfurecia-se, descompunha-o, e chamava nomes feios a todas as creanças.

De repente, ao approximar-se um sujeito bem vestido, João viu a mulher estender um braço, e a irmã dar um grande grito, e ficar a chorar muito... — e a mulher logo —

— Tens fome, minha rica filha! O' senhor!... veja isto!... Pelo amor de Deus!...

O sujeito teve pena, deu esmola, e passou...

Mas a pequena continuava a chorar, n'um choro muito soluçado, muito dorido... João perguntou-lhe:

— O que tens tu, Maria? o que foi?...

A irmã não lhe sabia dizer o que fôra; apertava e esfregava o braço esquerdo, chorando sempre.

João teve um negro presentimento!... a mulher é que...

E, rapido, puxando pela irmã, levou-a debaixo do candieiro, arregaçou-lhe a manga do vestido, e viu-lhe sangue no braço... Compreendeu!

A mulher tinha picado a criança com um allfinete, para que ella chorasse! para que aquelle ssgueito dêsse esmola!

João tinha oito annos; era uma creança: se pudesse, matava-a!... mas era uma creança; naem bater-lhe podia... Calou-se.

Começava a pensar; sentiu que devia disfarçar, fingir, até ao outro dia... Principiava a ser homem. Foram para casa. A mulher, pelo caminho, fazia-lhe perguntas, desconfiada: — se a pequena tinha tido alguma dôr?... o que lhe vira elle no braço?... O que seria? coitada!... João mentia; — não vira nada no braço da irmã... mesmo nada!...

Mas em casa nem se despiu, ao deitar-se; deixou-se ficar em cima da cama, toda a noite, muito excitado, cheio de sobresaltos, a olhar para a irmã, que tinha no braço uma pequena inchação afogueada...

De manhã, mal a mãe desceu, a comprar o leite do almôço, João foi-se á cama do pae, acordou-o, e contou-lhe tudo...

O pobre homem ficou pasmado, espantado! Aquillo durava ha dois annos, e elle não sabia nada!...

Não sabia... como podia elle saber?... elle que cahia na cama, á noite, morto de trabalho, d'aquelle trabalho de negro, de andar todo o dia leguas e leguas, d'um bairro para o outro, distancias enormes, para ganhar o sustento da familia, e vestir os filhos, e a mulher... — que lhe pagava assim!

E matava-se, e relentava com trabalho todo o dia, para que, durante o seu somno, o curto descanso para o dia seguinte, os seus filhos andassem mendigando pela rua, chorando umas mentiras torpes á caridade dos indifferentes!

E o dinheiro, ganho assim pelas crianças, aquelle dinheiro não era para comer, — não era! Elles não precisavam de esmola — tinham pae que trabalhava... que dava tudo a mãe!... e depois... — Aquella esmola que os filhos pediam, era um roubo aos verdadeiros necessitados! Uma infamia!...

Mas a mãe? a mãe... essa... era a propria que os deixava ir... que os mandava... que ganhava com os filhos! Para que?...

E, ouvindo-lhe os passos, saltou da cama, terrivel, e perguntou-lh'o.

Ella olhou para elle, com um grande descaramento orgulhoso:

— Para que? Para mim! para as minhas necessidades!... para as faltas que tenho, desde que casei com você! É b'a! — continuando, muito alto, malcreada: — Soubesse eu!... soubesse eu que não cahia! pois não cahiste!... estava muito bem em minha casa, para vir agora metter-me n'isto!...

E mostrava tudo em roda, a casa, os filhos, com gestos de grande tedio, muito enojada.

— Eu que em solteira nunca faltava a nada... vestidos... chapéus... era pedir!... para no fim chegar a andar n'esta miseria que ando... desde que me metti aqui... n'esta trapice!...

E, terminando, com as mãos na cintura, muito deslavada, torpe:

— Queria saber?... pois ahí tem... já sabe!...

O pae do João ergueu os punhos fechados, e ia esmagal-a...

O João e as irmãs agarraram-se a elle...

N'este ponto, o meu amigo João, reparou que perdêra tempo na conversa.

— Ai! c'os diachos! que anda amanhã a roda, e ainda tenho toda esta fazenda!... Adeus!...

E partiu a correr, atirando ao espaço o seu pregão, e offerecendo a sua fazenda aos bons burguezes gordos, que todas as tardes vem aspirar, satisfeitos, o fresco ar sadio das alamedas da Praça...

(Conclue no proximo numero).

## HISTORIA DA TERRA

(Continuado do n.º 21)

Podemos, pois, afirmar, que nem a organização actual das escolas, nem o modo por que os governos consideram os que trabalham seriamente, nem a propagan-

ção não é só com respeito à determinação (relativa, bem entendido) das epochas do apparecimento dos varios seres vivos no nosso planeta que a historia da terra nos offerece serias difficuldades; é ainda com relação ao modo mais plausivel de explicar a sua composição, a sua configuração, as successivas transformações por que tem passado desde a sua origem.

A difficuldade do estudo da geologia—é sciencia que se occupa da Terra—está justamente n'esta sua feição característica. Por muito tempo, mesmo, os geologos não pensava senão em architectar systemas e theorias, ainda mesmo sem bases nem fundamentos solidos.

Hoje, felizmente, predomina o methodo de observa-



A RAMALHETEIRA DE TRIESTE

da pela imprensa, permitem entre nós o desenvolvimento do amor á sciencia. D'ahi se explica facilmente o limitadissimo numero dos nossos sabios; e como corollario deduzido d'esta ultima proposição o *meio-fiasco* das nossas descobertas sobre o homem terciario.

Terminado o incidente, continuemos no assumpto principal do nosso artigo.

N'esta parte do problema recorre-se ainda á conjectura baseada na analogia, na comparação dos resultados dos phenomenos modernos, que nós podemos presenciar, com o resultado dos que tiveram logar nas epochas anteriores á nossa, cuja existencia podemos apenas suppor. Da similhaça dos effectos deduzimos a similhaça ou analogia das cousas.

ção e até se tem recorrido á experiencia. Trata-se de coordenar factos. E só depois d'uma systematica classificação; só depois de determinados com os maiores visos de certeza as relações que os ligam entre si; é que as theorias principiam a delinear-se, se vão desenvolvendo e completando.

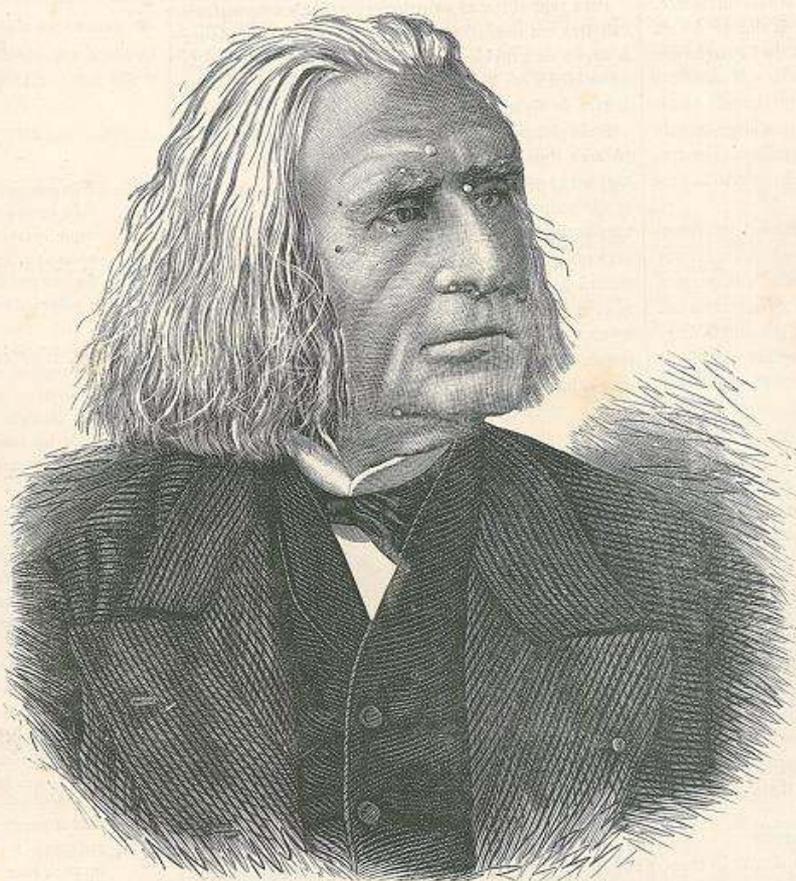
Intentamos fazer conhecidos os principaes elementos

d'esta sciencia, tão interessante quanto útil, e que é essencialmente moderna, na serie de artigos que successivamente publicaremos. Neste primeiro occupar-nos-hemos apenas da simples e resumida exposição a largos traços das principaes phases por que o nosso planeta parece ter passado d'esde a sua origem até os nossos dias.

A Terra é, como se sabe, um dos humildes membros d'essa familia d'astros, que tem como chefe o maior de todos elles, o Sol, que occupa o centro de gravidade d'esse conjunto. Mas apesar da sua maior grandeza com relação à Terra, o Sol não é a seu turno senão uma parte — insignificante — d'um immenso aggregado de sóes, que com o seu cortejo de planetas e satelites, forma o que os astrônomos chamam uma *nebulose*.

A terra é pois uma imperceptivel gota d'um vasto oceano de mundos, d'uma enorme nebulose, que é conhecida pela denominação de Via-lactea.

Se a terra se nos mostra tão insignificante quando a consideramos como fazendo parte d'uma nebulose; a que dimensões infinitamente exiguas, não ficará



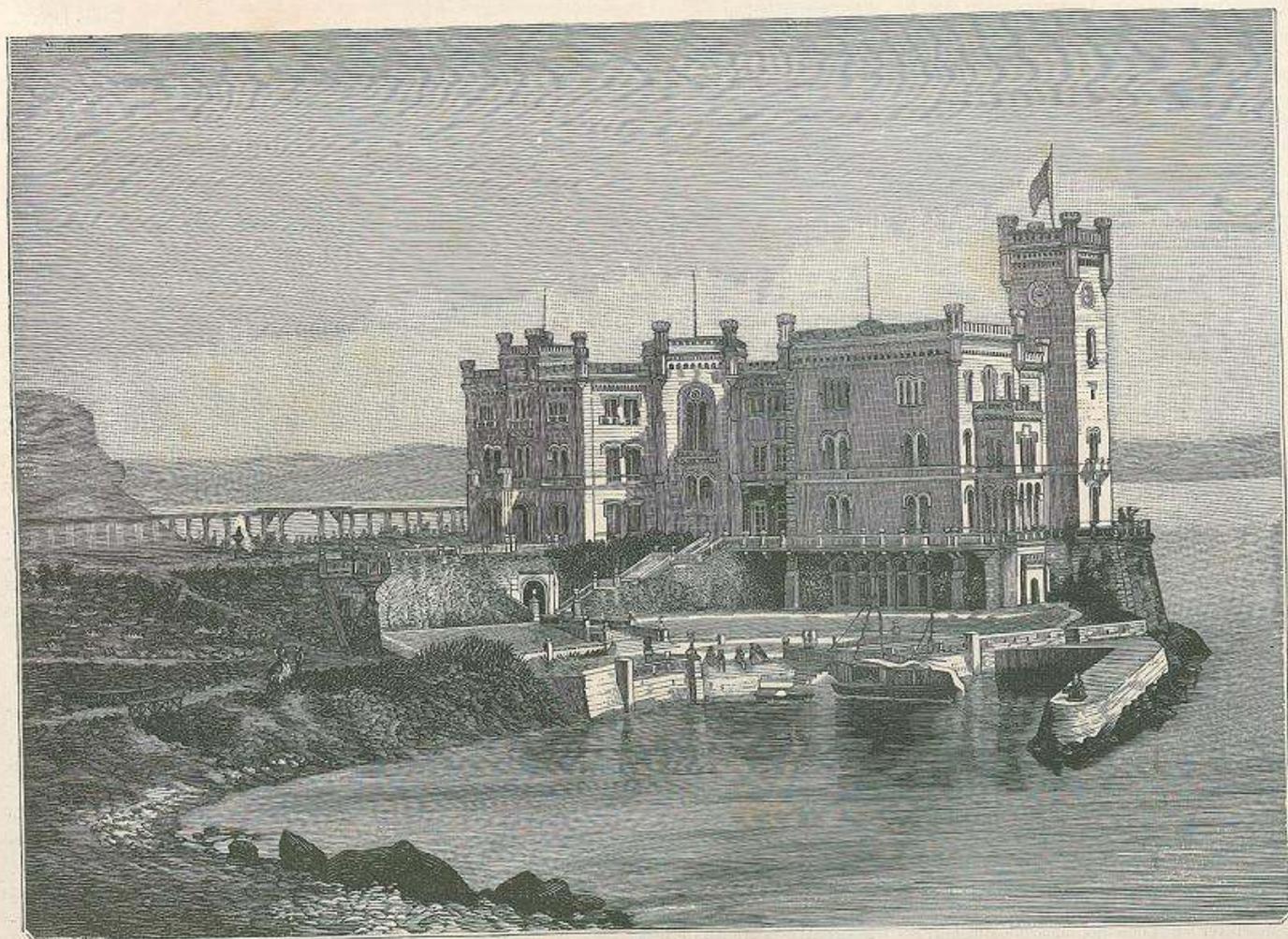
FRANZ LISZT

reduzida no nosso espirito se a compararmos à immensidade do espaço, onde é licito suppor a existencia d'um gigantesco numero de nebuloses semelhantes, afastadas umas das outras?

Como se formaram essas nebuloses; como se organizaram os diversos systemas planetarios; como se originou a terra?

A resposta a estas perguntas que deve ser o ponto de partida para a elaboração da historia do nosso globo, só um espirito genial poderia tentar obtel-a. Esse espirito genial foi o de Laplace. Elle conseguiu estabelecer uma theoria da formação dos mundos, que, apesar de hypothetica no seu principio fundamental, e por isso não isenta completamente de defeitos, apresenta um caracter bem proprio de verdade: a simplicidade. É uma theoria velha; mas é tão engenhosa, e ao mesmo tempo tão racional que ainda hoje por muitos é adoptada como base para a explicação d'um grande numero de phenomenos geologicos.

Laplace supõe no principio o espaço occupado por uma materia homogenea — *materia cahotica* — que em consequencia de grande elevação de temperatura se achava no estado fluido.



© CASTELLO DE MIRAMAR

Essa substancia fluida vae arrefecendo lentamente. Aqui está a hypothese fundamental. D'ella se deriva pelo simples racioeio toda a theoria da formação dos mundos.

Com o arrefecimento deram-se naturalmente movimentos molleculares analogos aos que tem lugar quando no meio de uma massa amorpha collocada em circumstancias convenientes, os crystaes se vão formando progressivamente.

Os atomos gravitando uns para os outros determinam agrupamentos molleculares que os transformam em outros tantos centros de attração, em torno dos quaes a materia á medida que arrefece tende a concentrar-se. D'ahi a separação da massa cahotica em tantos fragmentos quanto esses centros; fragmentos que diminuindo successivamente de volume tende a afastar-se de mais a mais uns dos outros.

Esses fragmentos são as nebuloses, de que uma tem o nome de via lactea.

Applicando ás nebuloses a mesma ordem de idéas, cada uma d'ellas se dividirá em massas parciaes, que constituirão os diversos systemas planetarios.

Assim se deve ter destacado da Via lactea o nosso systema solar, que, segundo as leis da mechanica, deveria ter a forma globular, e achar-se animado d'um rapido movimento de rotação em torno d'um dos seus diametros; bem como d'um movimento de translação em torno do centro de gravidade da nebulose.

Applicando a mesma ordem d'idéas ao systema solar, deve n'elle, durante o resfriamento que continua sempre, estabelecer-se varios centros de attração. Um terá lugar no centro da figura, ou proximo d'elle, os outros na periphéria.

Aquelle originará o Sol; estes os planetas.

Com effeito a rotação produzirá uma dilatação crescente na região equatorial; ao fim de certo tempo a ruptura d'equilibrio fará destacar um anel, que continuará a mover-se no mesmo sentido em que se movia quando adherente no nucleo central. A esse primeiro anel succederá um segundo mais pequeno, e a este um terceiro ainda menor, e assim successivamente; por forma que ao fim de certo tempo em vez d'um unico globo, ter-se-ha um outro de menor diametro, e uma serie de aneis concentricos com elle, de diametro cada vez maior á medida que d'elle se afastam, girando todos no mesmo sentido, e tendo todos para projecção sobre o nucleo central, a zona equatorial d'este ultimo.

Estes aneis continuando a arrefecer e por isso a contrahir-se, chegará um momento em que se dividirão; e assim em vez de cada anel teremos uma serie de globos, movendo-se em torno do centro do systema. Esses globos são os planetas. É claro que as suas dimensões e o seu numero dependerão do volume do globo central d'onde derivaram.

Esses planetas deverão ter um movimento de translação executando-se no mesmo plano e no mesmo sentido. As observações confirmam para um grande numero estas previsões puramente theoricas do immortál geometra.

Chegamos assim á noção da terra no seu primeiro estado, em que permanecia ainda a fluidez, e continuava sempre o arrefecimento.

Applicando-lhe, assim como a todos os outros planetas, ainda a mesma ordem de idéas, bem facilmente explicaremos a formação dos satellites. É o resultado da ruptura dos aneis destacados dos nucleos planetarios.

O numero e as dimensões dos satellites para cada planeta deve depender do volume d'este ultimo e das dimensões dos aneis destacados.

É bem simples toda esta theoria; e no entanto ella dá conta dos principaes phenomenos cosmicos.

Houve mesmo quem a demonstrasse experimentalmente. Foi Plateau, professor de Phisica na Universidade de Gaud.

É tão simples o processo seguido por aquelle notavel homem de sciencia que não resistimos á tentação de o descrever ainda que succintamente. Qualquer pode facilmente repetil-o.

Para reproduzir as principaes condições da materia cahotica era necessario subtrahir uma massa qualquer á acção da gravidade, e imprimir-lhe um movimento de rotação em torno d'uma recta passando pelo seu centro de figura.

Pode obter-se esse resultado do seguinte modo: Prepara-se uma mistura de agua e alcool em proporções taes que tenha rigorosamente o pezo especifico do azeite; introduz-se depois no meio d'essa massa liquida uma grande gotta d'azeite. É claro, que em virtude d'um principio bem conhecido de physica essa gotta se achará como que privada do pezo, porque segundo esse principio todo o corpo mergulhado n'um liquido perde uma parte do seu pezo igual ao do liquido que corresponde ao volume deslocado, e aqui o pezo do corpo e do liquido deslocado são eguaes. Nota-se que a gotta d'azeite toma a forma espheroidal.

Está realisada a primeira das principaes condições da materia cahotica.

É necessario agora imprimir-lhe o movimento de rotação. Basta, para isso, atravessar-a por uma haste delgada de qualquer metal, por forma que passe pelo seu centro; para maior commodidade collocar-se-ha essa haste verticalmente.

Dá-se-lhe o movimento de rotação.

A esphera d'azeite começa pouco a pouco a participar d'esse movimento.

A medida que a velocidade augmenta nota-se que os pontos em que o espheroido é atravessado se approximam do centro, tendo lugar um verdadeiro achatamento. Esses correspondem aos polos.

Na região equatorial, pelo contrario, a massa vae-se dilatando, até que se destaca um anel que continuará a mover-se com o nucleo central, e se reduzirá pela ruptura a um pequeno globo movendo-se em torno do primeiro.

É a imagem da terra com o seu Satellite a Lua. Esta experiencia é uma bella confirmação da brilhante theoria de Laplace.

É necessario, no entanto, ter sempre em vista que essa theoria se basea n'uma hypothese, e que, por isso não é isenta dos defeitos, que, em parte, eram conhecidos, mesmo pelo seu author.

Nem explica a direcção dos cometas, nem a forma elliptica das orbitas planetarias, nem o movimento retrogrado dos satellites de Uranio. Mas como é explicação do grande numero de factos, e é como que verificado por um grande numero de observações, como por exemplo, as que se referem ao calor central, ás fontes thermaes, á forma espheroidal da terra, de que nos occuparemos em um artigo especial. Só diremos agora que todos esses factos resultam naturalmente da hypothese de Laplace, que suppõe a terra no estado de fluidez ignea ao principio da sua formação.

Assim nos primeiros tempos o nosso planeta não é mais do que um epheroido gazoso. Como o arrefecimento nunca cessa, chegará um momento em que a temperatura será demasiado baixa para permittir que, ao menos uma parte dos elementos que formam a massa total se conservem no estado do gaz, e terá lugar a sua passagem ao estado do liquido.

Assim na sua primeira phase a terra deve compor-se d'um nucleo gazoso, rodeado d'uma camada liquida; e o todo envolvido por uma atmosphera extremamente expessa formada pelos corpos mais volateis. A camada liquida irá aumentando tanto á superficie, pela condensação de parte da atmosphera como no interior pela do nucleo gazoso. Mas n'esta passagem do estado do fluido aeriforme ao do fluido de incompressivel ella conservar-se-ha, ainda luminosa.

Com o arrefecimento progressivo chegará um momento em que começarão a solidificar-se as materias mais refractarias, formando delgadas massas isoladas, que pouco a pouco se foram estendendo até darem lugar a uma pellicula continua. E' n'esta phase que o aspecto luminoso vae desaparecendo; tornando-se tanto mais escuro quanto mais completa fór a solidificação d'esta primeira crusta.

(Continua).

## ROSICLER

### DECLARAÇÃO D'AMOR

Não me creias indifferente!  
Não creias que esta alma ardente  
fique inerte e sem calor,  
ao sentir, vulcão que inflamma  
da tua pupilla a chamma,  
e a lyra do teu amor!

Não creias: As nossas almas  
em regiões mansas, calmas,  
fizeram-se para adajar  
nas immutaveis espheras,  
onde ha verd'es primaveras,  
raios, aromas, luar...

Mas eu é que mal supponho...  
— mesmo no esboço d'um sonho—  
que tu debruces em mim  
o teu olhar meigo e puro,  
como em toco e branco muro  
trepas a haste d'um jasmim.

Olha: até hoje o tormento  
tem roçado o isolamento  
do meu coração vasio,  
como a solidão gelada  
d'uma gaiola dourada  
d'onde um rouxinol partiu!

Mas a partir d'este instante  
em que o teu puro semblante  
no meu mar se debruçou  
já sinto o sol que consola,  
e á desertada gaiola  
o rouxinol regressou.

GOMES LEAL.

## UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 168)

O advogado foi immediatamente a casa de Valensson participar o que se tinha passado com o sapateiro, e lá encontrou Paulina sem ser acompanhada pela madrinha. Disse-lhe a viscondessa que o avô estava á espera de uma visita, que podia exercer grande influencia sobre a marcha dos acontecimentos. Referia-se a Mangonneau, ex-director da prisão de Nancy...

—E o que pode fazer essa tal Mangonneau? perguntou René Morlant.

—Meu avô conhece-o de longa data, e quando tive aquelle desgraçado encontro em Hartière, escreveu-lhe pedindo informações, em vista das quaes annuiu ao meu casamento; Mangonneau conheceu os Monaville e vae encontrar-se com Donaciano... Aconselhe-me o que devo fazer.

—Mangonneau foi de opinião favoravel?

Paulina respondeu mostrando ao seu interlocutor uma carta, que já conhecemos, em que se liam expressões muito agradaveis para o visconde de Monaville.

—O meu conselho, disse o advogado depois de ler a carta, é que espere e observe bem o que se passar entre seu marido e o ex-director da prisão. Faça a mesma recommendação a seu avô. D'ahi pode colligir-se muito. Succeda o que succeder, affirmo-lhe que brevemente reconquistará a sua liberdade.

— Bem, replicou Paulina, mas se o meu casamento é nullo á face de Deus e da lei, peço que nenhum mal se faça ao homem, que nos illudiu, seja elle o que fór. . .

— É nobilissimo o seu caracter, minha senhora mas isso pertence a Deus.

Paulina retirou-se com o peito opprimido, sentindo uma especie de remorso. Temia o futuro, posto que olhava horroroso o presente.

De tarde chegou o amigo dos Desherbiers, sendo recebido com expansões de affecto. Quando viu Paulina, felicitou-a pelo optimo casamento que fizera, e perguntou-lhe quando teria o prazer de ver o marido.

— O visconde foi á cidade, accudiu Desherbiers; mas volta para jantar.

Mangonneau tinha pouco mais ou menos a idade do velho Desherbiers. Fora militar, e depois de pedir a demissão do rendoso emprego, que occupava, fixou a sua residencia em Metz, onde nascera. Quando os dois velhos ficaram sós, disse o recém-chegado :

— Dou-te os parabens, Justino, porque ha mais de quinze annos vives socegado. . . Em Tours e em Paris não se desconfia de nada. . . Mereces a protecção, que a Providencia te dispensou, porque és um homem de bem ás direitas; mas o prejuizo, o prejuizo estúpido! . . . Olha que é felicidade, tendo tu dois appellidos, Guipont e Desherbiers, seres conhecido em Nancy apenas pelo ultimo!

— As precauções, que tomei, foram por causa de minha neta.

— E conseguiste o teu fim. E o visconde não saberá nada?

As feições de Justino Desherbiers alteraram-se profundamente. Elle deu um suspiro e respondeu :

— Já vaes ver o visconde. Conheceste-o, não é verdade?

— Vi-o duas ou tres vezes. A primeira em Nancy, tinha elle doze annos, e a segunda em Metz, porque o pae, como sabes, tinha lá propriedades. Mas lembro-me perfeitamente da physionomia.

— Elle não pode tardar, replicou Desherbiers, tirando o relógio.

XV

No decurso da conversação Mangonneau percebeu que o amigo estava preocupado de espirito. Quando foram para a sala de jantar entrou Donaciano.

— Oh! sr. Mangonneau! exclamou elle, dirigindo-se para a visita. E' nos muito agradavel a sua presença aqui. Acho-o na mesma.

O ex-director da prisão fitava o interlocutor, analysando-lhe as feições.

— Muito obrigado, sr. visconde. . . Tambem eu recorde-me perfeitamente da sua physionomia. Vi o em Nancy com seu pae, que foi visitar um preso politico.

— E' verdade, interrompeu Donaciano. . . era. . .

— Pommereuil.

— Exactamente. Morreu, o pobre homem!

— E a ultima vez, que nos encontrámos foi em Metz, continuou Mangonneau.

— No hotel d'Europa, onde o sr. Mangonneau jantava muitas vezes. Quando ouviu o meu nome, fallou-me da minha familia. Hav'a muitos annos que eu não voltava á França.

Desherbiers e Paulina trocavam olhares e sorrisos de contentamento. Aquelle homem era effectivamente o visconde Donaciano de Monaville! todas as supposições eram falsas, todas as accusações imerecidas!

— Então, meus senhores, vamos jantar! disse Desherbiers radiante d'alegria.

— Não vejo aqui a madrinha da sr.<sup>a</sup> viscondessa, observou Mangonneau.

— Não tarda; foi jantar com uma amiga, que janta muito mais cedo.

A conversação continuou animada entre Donaciano e o novo hospede. De repente ouviu-a tocar a campainha. Paulina levantou-se, e encontrou Zelia Martinpré a quem disse :

— Estou felicissima! . . . Chegou o sr. Mangonneau e livrou-nos de um tormento!

— E então!

— Reconheceu Donaciano, . . . Valenson e Morlant são dois perversos! Com que fim teriam urdido este trama?

E desatou a chorar.

— Ta, ta, ta! fez a madrinha. . . Depressa te venceste. . . eu quero ver com os meus olhos. . . Vamos, enxuga as lagrimas.

Mangonneau e Zelia Martinpré eram conhecidos antigos, e como tal se avistaram.

— Fallavamos dos acontecimentos de 1848, disse Donaciano. . . mas o sr. Mangonneau não se referiu á prisão de meu pae, como legitimista. . .

— E' verdade, agora me lembro; mas eu então não exercia o logar por estar doente.

Paulina olhou triumphantemente para a madrinha, que ficou impassivel.

— Foi a causa da sua morte, proseguiu o visconde. Quem me contou o caso foi o respeitavel cura da igreja do Socorro, o abbade Mézy, que lhe assistiu aos ultimos momentos.

Novo olhar de triumpho lançado por Paulina; a mesma impassibilidade no rosto de Zelia Martinpré.

— Affirmaram-me, replicou Mangonneau, que seu pae morrera de um desastre na caça. . . O sr. visconde estava com elle? não estava?

— Sabe tambem isso? Eu estava. . . mas foi coisa de pouca importancia. . . o descuido de um guarda. . . Ainda tenho tres grãos de chumbo no coiro da cabeça. . . Apalpe. . .

E pegando na mão do velho, levou-a ao cráneo.

— É exacto, cá estão. Já vê portanto que estou ao facto de tudo que lhe diz respeito. . . e quando o meu velho amigo Desherbiers me escreveu para saber. . . isto é, para dar-me parte do casamento de sua neta, felicitei-o do coração. . .

Zelia Martinpré interrompeu o dialogo propondo que fossem todos ao theatro ver uma peça de grande nomeada. Desherbiers e Paulina, satisfeitissimos com o que tinham presenciado, acceitaram a proposta com alegria. Donaciano ia fazer uma objecção, a que Paulina poz termo com um d'aquelles sorrisos que, ha muito, lhe não brincavam nos labios. Mas a repugnancia e o mau humor voltaram logo.

No caminho do theatro Zelia Martinpré dizia consigo.

— E' um actor de primeira ordem, o tal facinoroso! E a pobre rapariga outra vez cheia de illusões!

Entraram todos no theatro, e o visconde tremou vendo Julio Barthenay, em pé, de braços crussados, olhando insolentemente para elle.

XVI

A presença de Justino Desherbiers foi uma viva supreza para o joven official, que mais de uma vez nos demonstrou que já tinha visto Paulina. E, assim foi.

Julio Barthenay hospedara-se em 1868 na casa de uma familia que morava em Sceaux. Ao lado da ca-

sa havia um jardim; tendo no centro uma construção habitada por um sujeito de muita idade, e por um homem de seus sessenta annos, que parecia criado.

Toulpaing—era o nome do ancião—tornara-se legendario em Sceaux, e toda a gente queria vel-o porque tinha sido executor da justiça, ou carrasco.

Julio Barthenay não escapou tambem á curiosidade, e experimentou uma verdadeira decepção, quando deu com um velho de excellente cara, tomando a sua pitada de cinco em cinco minutos.

Um dia, estando Julio a ler á janella, sentiu vozes no jardim de Toulpaing e reconheceu uma falla de mulher. Observou e viu um homem edoso, bem vestido, de apparencia respeitavel, em companhia de uma senhora nova, de maneiras distinctas. Abriu a janella, escutou, e percebeu estas palavras :

— Bem; elle que venha; mas evita que o tal patusco dê um passo para salvar o abysmo, que nos separa. . . Assim o quiz, assim o tenha. . .

— D'accordo, interrompeu Toulpaing.

E os tres interlocutores entraram para casa. Julio foi collocar-se á porta, e viu sahir do jardim do excarrasco duas pessoas, que eram o velho, que agora tornou a encontrar no theatro, e a viscondessa de Monaville.

Em quanto Julio Barthenay se lembrava d'estes acontecimentos, o visconde sentia-se tomado de um accesso de colera difficil de dominar. Concluido o segundo acto, sahiu da sala do espectáculo, entrou no Vax-hall, e juntou-se a alguns rapazes, que tambem estavam no café dos Tres Suíços, quando Julio lhe bateu no hombro.

Conversavam todos em um dos corredores, o joven militar approximou-se dirigindo expressões provocadoras a Donaciano, e continuou a andar.

— Visconde, observou um dos companheiros: é a segunda vez que este pulha te insulta. . . Que pretende elle? Admiro a tua paciencia. . .

E um miseravel, que esteve para mandar fusilar por ser espião dos prussianos, respondeu o visconde.

O brioso militar ouvindo isto voltou, e rompeu d'esta sorte :

— Senhores, este homem acaba de mentir como um infame. Tive a honra de fazer parte do exercito francez, e hoje estou aqui para desmascarar o ente desprezivel, que me accusa, esse visconde de contrabando.

— Não haverá por aqui um policia, exclamou Donaciano encolhendo os hombros, que leve este bebado para a prisão.

Julio Barthenay, no auge da indignação, lançou-se a elle, deu-lhe uma tremenda bofetada, e n'essa occasião chegaram dois guardas, a quem o visconde mostrou o aggressor, para que fosse prezo. O official foi conduzido á prisão, e passado o accesso de colera, fallou aos dois guardas com a maior tranquillidade, louvando-os por terem cumprido o seu dever, e accrescentando que Deus determinara aquella scena para abreviar o castigo do traidor.

Chegado á presença do commissario, e tendo ouvido a exposição dos guardas :

— Senhor commissario, interrompeu, tudo isso é verdade; mas não lamento o acto criminoso que pratiquei; pois foi essa a vontade de Deus para abreviar o castigo do traidor.

— Decididamente é um doido, murmurou um policia ao ouvido do commissario.

— Vamos; que quer isso dizer? perguntou este.

— Compreendo que tudo lhe pareça duvidoso,

faça de mim o que quiser; só lhe peço que me deixe escrever ao eminente advogado René Morlant para que venha fallar-me.

—René Morlant! Conhece-o?

—Muito; quero encarregal-o da minha defeza.

—Aqui tem penna e papel, respondeu o commissario

Enviada a carta ao seu destino o chefe superior de policia principiou a conversar com o joven official, e depois de ouvir as accusações feitas a Donaciano fallou-lhe assim:

—Olhe que o visconde é muito considerado em Bruxellas, e tem optimas relações... Pense bem no

—Pode retirar-se em liberdade; em tempo conveniente receberá aviso para o julgamento.

Retiraram-se e René Morlant disse ao militar, que não só faltara á promessa de ser prudente, mas que tinha destruido n'um momento o trabalho de muitos mezes.

Barthenay contou o que se tinha passado e observou:

—Eu seria o mais vil de todos os homens, se não fizesse o que fiz... De mais, senhor advogado, não sei de negocios forenses; mas não compreendo, porque motivo se não entregam á justiça as provas, que estão em poder de Valenson e no seu.

e Desberbiers. Os dois velhos iam em procura do visconde, quando este appareceu, sorrindo:

—Então o que aconteceu?

—Um antigo subordinado meu que estava hebeado, quiz vingar-se de mim. Chamei a policia, e mandei-o prender. Paulina soube alguma coisa?

—Não:

—Então não lh'o digam.

Foi ter com a mulher, e preveniu-a de que tinha uns amigos á espera, e só voltava no fim da peça. Sabiu do theatro, mettu-se n'uma carruagem, e mandou seguir para a casa de San Marco, junto á estação do Norte. O italiano estava no quarto.



UM PASSADO TENEBROSO — No jardim d'um antigo carrasco.

que vae fazer... Accusar um homem publicamente de crimes d'essa ordem!...

—Não retiro coisa alguma do que avancei, retorquiu Barthenay; lamento apenas ter de callar-me em quanto não chega René Morlant.

O commissario não fallou mais, principiou a examinar os seus papeis, e d'ahi pouco chegou o advogado, com o semblante inquieto de mau humor.

—Senhor commissario, disse elle, acabo de saber que este meu amigo foi preso em flagrante delicto de offensas corporaes, e que não quiz dar explicações. Approvo o seu procedimento quanto á segunda parte,... Queira pois verificar a identidade do criminoso e tomar conhecimento do facto.

O commissario interrogou Julio Barthenay, e concluiu dizendo:

—Ainda não é tempo meu amigo; todo o meu desejo era provar que elle commetteu na Belgica o crime de falsario; mas agora está tudo comprometido.

—Pois eu julgo o contrario; para defender-me, hei-de pôr tudo em pratos limpos, e a justiça que proceda.

—Julio, respondeu Morlant, era perder tempo explicar-lhe agora toda a marcha d'este negocio. Vá para casa de Valenson; mas não lhe conte nada... Amanhã fallaremos.

#### XVII

A scena passada no corredor do theatro correu de boca em boca, e chegou aos ouvidos de Mongonneau

—Meu amigo, disse o visconde, tens deante de ti um homem litteralmente fulminado.

E contou-lhe o que se passara.

San Marco pareceu aterrado, e respondeu.

—É serio, porque Julio Barthenay não passa de um instrumento, para fazer intervir a justicia. Para tomar um expediente, deve Morlant estar bem armado.

—E nós?

—A minha opinião é que saiamos não só de Bruxellas, mas da Belgica.

—Tambem a minha, tornou o visconde,

—N'esse caso vae para casa e dorme descansado.

(Continua.)